

"TRAIDOR COM AS VERAS DA ALMA"

JORNAL DE NOTÍCIAS

30-04-1994

Fernando Antunes

Chamou traidor ao presidente da República. Mas este não se queixou. Apesar disso, quer ser julgado. Agora faltou ao julgamento. Mas em Junho estará lá sem arrependimento.

A audiência tinha terminado. A juíza Isabel Manso Salgado nada podia fazer com o réu ausente. E adiou o julgamento para 15 de Junho. Joaquim Maria Cymbrom chegou atrasado ao 1.º Juízo do Tribunal Correccional. Foi esta a explicação que deu ao JN, argumentando que tem estado doente, quando se despedia do seu advogado. Ele está a tentar ser julgado pelo crime de injúria, um insulto intencional e repetido, pelo qual quer ser condenado "para que a história seja analisada através dos factos".

Cymbrom, de 48 anos, monárquico tradicionalista, fuzileiro em Angola, em 1974, afirma, desde 1984, que Soares "traiu Portugal ao entregar territórios pátrios ao arripio da lei e do que foi dito ao povo após o golpe de 25 de Abril de 1974". Foi a 8 de Maio de 1984, durante uma audiência num tribunal de Coimbra, onde vive, que Joaquim Cymbrom insultou, pela primeira vez, o actual presidente da República. Disse que não se admirava que, tendo o país um primeiro-ministro traidor, os tribunais andassem sem rei nem roque.

Hoje mantém tudo quanto disse e, no fundo da escada do edifício da Rua Pinheiro Chagas, insiste na exigência de julgamento. Mário Soares, em todo este caso, nunca se queixou. E mesmo agora de Belém não transparece a mínima reacção sobre o assunto.

Simplemente, o artigo 362 do Código Penal, sobre a ofensa à honra do presidente da República, prevê que "quem injuriar ou ofender a honra e consideração devidas ao presidente da República será punido com prisão até três anos".

Cymbrom estranha que Mário Soares nunca se tenha incomodado com o insulto. "Julgará certamente que são coisas menores. Mas a verdade é que a questão é mesmo delicada e ele não se sente seguro", diz ao JN. Cita algumas das suas testemunhas, entre as quais Miguel Corte Real, e um artigo por este publicado no "Diabo", em que acusa Soares e Spínola de serem os grandes responsáveis pela descolonização.

Entrega ao jornalista extractos de declarações proferidas no processo que lhe move o Ministério Público. E diz que está tudo actual. "Chamei traidor ao sr. presidente da República - repete agora - e chamei-o com todas as veras da alma. Fi-lo, ainda, sem o arrebatamento da paixão que pudesse toldar a tranquilidade necessária ao pensamento. Por isso, a afirmação que produzi, e pela qual estou a responder, deve ser-me imputada sem desconto de uma só polegada. Reivindico essa honra e não abduco dela".

Fundamentando a acusação, afirma: "Dizer que o sr. presidente da República é um traidor, constitui uma atitude que vem na sequência de um comportamento que comecei a traçar desde o dia 25 de Abril de 1974. Ele não é, pois, uma novidade e só constituirá surpresa para quem me não conheça".

Joaquim Maria Cymbrom exorta, por fim, Mário Soares a pedir "como galardão uma veneration da Ordem da Liberdade, porque, quando for agraciado com ela, não obrigará os que têm outras condecorações portuguesas a restituírem-nas".

Cymbrom, que afirma acreditar, ainda hoje, no sentido transcendente da expansão portuguesa, incorre em pena de prisão até três anos. O seu advogado não fez declarações.